

## 5 Filmes de família

“Tem um *continuum* entre gravar em vídeo o aniversário de seu avô e fazer filmes”.

Chuck Olsen, documentarista americano<sup>100</sup>.

Antes de entrar no detalhe dos filmes analisados nesta categoria no YouTube, vale especificar que tipo de vídeos são esses. Os filmes de família são os vídeos ou filmes realizados por algum integrante desse grupo social, envolvendo personagens, eventos, objetos, etc. ligados à história da família. O olhar de quem filma é sempre privilegiado, pois integra o seio familiar e a partir dele produz um material que normalmente interessa e diz respeito apenas a quem pertence ao núcleo. Roger Odin<sup>101</sup> (ODIN, 1995), teórico do cinema, separa o filme de família de outras três categorias de produção não profissionais: os ‘vídeos amadores’, os ‘filmes militantes’ e os ‘filmes pedagógicos’.

- i) Nos ‘filmes amadores’ ou ‘filmes experimentais’, o emissor age como cineasta e não como integrante da família. Por sua vez, o receptor não é o grupo familiar, mas sim um público qualquer;
- ii) Os ‘filmes militantes’ trabalham sob um eixo político: seu emissor atua como militante e o filme é apenas a mensagem;
- iii) Nos filmes realizados por alunos de alguma instituição pedagógica, o objetivo é meramente escolar.

Apesar de os filmes de família eventualmente abordarem os mais diversos assuntos, o que os torna de fato pertencentes a esta categoria é o fato de trabalharem no universo das memórias familiares. Algumas figuras de estilo são recorrentes nesse tipo de vídeo. A *‘falta de clausuras’* é a primeira delas. No filme de família, o início e o fim da produção são pouco demarcados, e quem assiste cai, em queda livre dentro da ação. Diferente das produções mais elaboradas, em que há abertura e uma programação visual arrojada, os vídeos de família, normalmente, são fragmentos e não um “texto” completo em forma de filme.

---

<sup>100</sup> DEAN, K. *Blogging + video = vlogging*, Wired, 13/7/2005.

<sup>101</sup> ODIN, R. (Org.), *Le film de famille – Usage privé, usage public*. Paris: Meridiens Klincksieck, 1995.

Nesse tipo de vídeo, a *'narrativa é esmigalhada'*, ou seja, são pedaços de filme, muitas vezes unidos por uma necessidade de aproveitamento do material filmico e não uma edição formal propriamente dita. A aparição dos personagens também não deixa claro quais são as relações entre os membros da família – isso é algo que ou o espectador sabe, no caso de integrar o núcleo familiar, ou então supõe, por conta da semelhança física, da idade dos personagens e outras características. Em relação ao tempo, os vídeos de família têm *'níveis temporais não determinados'*, pois ignoram a montagem e a edição alternadas. Duas cenas de uma família num parque, por exemplo, podem ter sido feitas com duas semanas de diferença, mas aos olhos do espectador a separação pode ser de um ano, ou mais – ou o contrário.

Uma outra característica importante do filme de família é sua *'relação com o espaço'*. Na maior parte das vezes, o local onde as cenas estão sendo filmadas é somente um pano de fundo: sejam os cenários das praias numa viagem de fim de semana ou as metrópoles estrangeiras, ou até a própria casa da família, o interesse de cada um desses vídeos é muito mais seus personagens. Os iniciantes na arte de filmar, quando vão produzir seus primeiros filmes de família, o fazem quase como se estivessem tirando fotos. Muitas vezes, esses vídeos familiares nada mais são do que fotografias animadas, em que, novamente, o centro das atenções está no grupo, literalmente, posando para o cinegrafista. Esse posar, aliás, costuma ser pouco natural e os personagens filmados gostam ou são estimulados a olhar para a câmera – o que normalmente não ocorre no cinema, pois mataria a experiência de se estar observando a cena de dentro, mas sem ser observado, típica no cinema.

Os filmes de família também não têm preocupações quando à *'coerência da seqüência de planos'*, violam regras de campo e contracampo, mostram duas cenas, subseqüentes, filmadas com pessoas diferentes, mas enquadramento idêntico e no mesmo cenário. Além disso, pode-se dizer que nos vídeos familiares, a *'percepção é embaralhada'* com zooms excessivos, o movimento tremido da câmera, imagens desfocadas, soltas, além de mudanças bruscas de nível sonoro. Afinal, quando se trata de um vídeo sobre o núcleo familiar, isso tudo é o que menos importa.

Assim, o valor da “qualidade” de um filme de família é bem diferente de um vídeo com outro propósito, especialmente os ficcionais e mais elaborados – é

perceptível também a diferença para as videobiografias aqui analisadas. Para os integrantes do núcleo familiar, todos os itens acima citados não fazem a menor diferença, pois o importante mesmo é a relação de quem assiste com aquela história filmada e com suas próprias lembranças. Por este motivo, o filme de família não precisa construir uma estrutura narrativa coerente, já que, normalmente, só é visto por integrantes de seu núcleo. “Em geral, ver um filme de família em família é trabalhar para reconstruir, em conjunto, a história da família” (ODIN, 1995); é reviver uma história vivida, acrescentando fatos, lembrando de outros, se emocionando. Na verdade, a projeção de um filme de família faz com que seus integrantes interajam com o conteúdo filmado e recriem as histórias em conjunto. Mas podemos dizer que mesmo para quem não faz parte de tal núcleo familiar, assistir a um filme de família de outra pessoa conduz este terceiro espectador de volta à sua própria história familiar. Coloca em “movimento nosso filme interior” e, talvez, por este motivo, emocione quem não tem nada a ver com a história ali contada. A tomada de consciência do espectador de ficção ocorre entre a percepção do real, o estado onírico e o de devaneio (METZ *apud* ODIN, 1995) – e quando se assiste a um filme de família de outra pessoa, as imagens filmadas são, de alguma forma, como um sonho.

O filme de família cria uma relação forte com o passado, e vê-lo é uma experiência de viajar no tempo, de encontrar sentimentos que talvez já estejam enterrados, ou mesmo de ver aflorar a saudade de um ente querido. Para Odin, quanto mais construído for o filme de família, como dois dos vídeos encontrados no YouTube e selecionados para esta categoria (“Isernhagen” e “Liam’s Family Movie”, ambos realizados na fase pós-câmera digital e usando programas caseiros de edição), mais conflitos podem ocorrer com relação à memória dos acontecimentos vividos pelos personagens e integrantes do núcleo familiar.

Quanto mais sem essa estrutura, melhor ele funcionará como construção do grupo. “Montar um filme de família é tomar para si o poder sobre sua família e, daí, bloquear a possibilidade de uma construção coletiva consensual” (ODIN, 1995).

O integrante de um núcleo familiar que é espectador de um filme de família tem suas funções extrapoladas. Ele pode ser ator, diretor, bem como produtor do evento de exibição, etc. A projeção de um filme documental ou

ficcional normalmente ocorre na sala escura e com o mínimo de interferência externa – com os DVDs caseiros já não é bem assim. Já o filme de família tem na exibição, cheia de interferências, parte do próprio filme, funcionando mais como um evento do que propriamente uma sessão. Originalmente, o público dos vídeos desta categoria se resumia ao núcleo integrante da família: pais, mães, irmãos, avós e avôs, tios, tias, primos, amigos mais próximos, etc. Hoje, com a internet e a possibilidade de dividir essas imagens com o mundo, isso mudou.

A predisposição dos espectadores em assistir a cenas quotidianas e a vontade de exibir esse tipo de vídeo na rede, para um maior número de pessoas, talvez em busca dos 15 minutos de fama, levaram três famílias, uma delas brasileira, a publicar seus vídeos no YouTube. “Sherry”, “Iserhagen” e “Liam’s Family Movie” foram escolhidos não pelo seu número de acessos e visualizações, mas por suas diferenças e semelhanças.

### **5.1. “Sherry” e o filme de família em sua acepção original**

Apesar de fazer parte dos quase 80 milhões de vídeos dispostos no YouTube, “Sherry<sup>102</sup>” poderia ser exibido, de modo privado, em uma reunião familiar qualquer, realizada nos Estados Unidos, na Europa ou até mesmo no Brasil – e, provavelmente, suas cenas devem ter sido motivo de reuniões familiares em volta de antigos projetores e reunindo diversas gerações. Com toda a aura de filme de família tradicionalmente falando, esse vídeo parece retratar algum momento da década de 50, em que as crianças tinham usavam topete no alto da cabeça e eram arrumadas de modo mais formal do que hoje até mesmo para as festas de seu núcleo familiar.

O vídeo é iniciado por um plano em que o bebê da história, provavelmente o personagem principal das cenas, é praticamente um recém-nascido. De lá, ele vai para o berço, para o colo de familiares e de irmãos e para festas em família. Sem nenhum modelo de abertura e de encerramento, ou “clausuras”, como diz Odin, o espectador é levado à ação de modo completamente desprezioso e

---

<sup>102</sup> Disponível em < <http://www.youtube.com/user/lilhart606>>. Acesso em janeiro de 2008.

abrupto. As imagens iniciais de “Sherry”, ainda meio escuras de um início de uma gravação, naturalmente funcionam como uma abertura.

As cenas seguintes continuam por mostrar o universo desse bebê e de sua família, remetendo quem assiste ao eterno “Baby’s lunch<sup>103</sup>”, dos irmãos Lumière, datado de 1896. Em “Sherry”, primeiro o bebê é fotografado em diferentes momentos no berço. Depois, no colo e na cadeirinha. Posteriormente, é flagrado em uma festa de família e, na cena mais emblemática do filme, com irmãos ou primos<sup>104</sup>, celebrando a Páscoa – neste plano, todos aparecem sentados no sofá e o bebê (seria ele Sherry?) passa pelo colo das crianças. Depois, dois adultos de juntam à cena. Todas as ações estão incompletas, sem áudio, sem música, possibilitando uma narrativa quebrada, entrecortada e com possibilidades infinitas de construção no imaginário de quem assiste.

As imagens, fotografadas ainda com pouquíssimo movimento de câmera, lembram fotografias animadas e não filmes com sua amplitude de ações. O vídeo tampouco tem semelhança com a maior parte dos vídeos publicados no YouTube. As cores, a textura, a falta de início, de meio e de fim representam um fragmento de texto, sem indicações sobre o tipo de evento filmado, sobre a data ou quem é quem. Os espaços onde se filma também são indiferentes: o foco está no centro das atenções, primeiramente a família, e, mais ainda, o bebê. Todas essas ausências caracterizam a produção como um típico filme família.

Nesse sentido, “o filme de família é uma criação contínua, sem rupturas, sem retoques” (ODIN, 1995). Para o teórico do cinema Roger Odin, “tal categoria cinematográfica faz brotar, em cada um de nós, um processo estritamente individual de produção de sentido e de afetos”. “Sherry” faz o espectador retornar a um tempo que talvez ele não conheça, mas a um espaço social muito próximo: o seio familiar, que, aliás, é o objeto de todos os vídeos publicados no canal de Lilhart606, do qual “Sherry” faz parte, no YouTube. Ele possibilita esse diálogo mesmo com pessoas que não pertençam à família do vídeo exibido na internet.

As cenas dos filmes de família são signos, como afirma Bill Nichols ao falar do documentário. A afirmação pode servir para o filme de família: “ele traz

---

<sup>103</sup> Disponível em: < <http://www.youtube.com/watch?v=ZBwmIV5ELyc>>. Acesso em janeiro de 2008.

<sup>104</sup> Análise não comprovada, tratando-se apenas de uma observação.

em si a tensão que nasce das asserções genéricas que faz sobre a vida, ao mesmo tempo em que usa sons e imagens que carregam a marca inevitável da singularidade de suas origens históricas. Esses sons e imagens acabam funcionando como signos<sup>105</sup> (NICHOLS, 2005). Para Odin, o filme de família tem uma função social (a maior de todas): ele garante a instituição familiar, pois suscita o encontro, a rememoração do grupo, a magia do passado familiar conjugado entre os integrantes desse grupo.

O canal em que “Sherry” foi publicado, do usuário Lilhart606, contabiliza hoje mais de 50 filmes. A maioria dos vídeos tem mais de 50 anos e uma minoria é mais recente, como um filme datado do Natal de 1992, em que duas crianças abrem seus presentes perto da árvore natalina<sup>106</sup> - a lógica, apesar da diferença entre décadas, é a mesma, e o filme continua sendo um fragmento, sem edição, filmado a partir do mesmo plano, com zooms trêmulos e captando, neste caso mais recente, apenas o áudio ambiente. Em princípio, Sherry também está lá – seu nome é chamado algumas vezes, as crianças devem ser seus filhos e, provavelmente, é seu marido quem opera a câmera. Sherry repete a tradição familiar de realizar vídeos de família durante episódios bem comuns: crianças abrindo presentes em volta da árvore de Natal; encontros com avós e tias; um passeio de bicicleta pelas ruelas do subúrbio americano; e a chegada surpresa de Sherry e seus filhos a um encontro com parentes distantes.

Intriga, no entanto, o fato nenhum vídeo de Lilhart606 ter muitos comentários. Nem os familiares de Sherry parecem comentar. Dos 50 vídeos, só cinco comentários são notados:

*Whisprune* (3 meses atrás)

Eu adoro as manhãs de Natal. Adoro desembulhar presentes e tudo mais. Na minha família, temos uma tradição boba em que acordamos antes do sol nascer para abrir todos os presentes. Como somos sete, nós nos alternamos.

(-:

*invulnbye* (3 meses atrás)

---

<sup>105</sup> NICHOLS, B. A voz do documentário, artigo em Teoria Contemporânea do Cinema. Volume II. Organização de Fernando Pessoas Ramos. São Paulo: Editora Senac, 2005.

<sup>106</sup> Disponível em: [http://www.youtube.com/watch?v=eLR4Wm5KCGA&feature=channel\\_page](http://www.youtube.com/watch?v=eLR4Wm5KCGA&feature=channel_page). Acesso em janeiro de 2009.

é isso que eu tenho que fazer! :D:D:D muito bacana! :D

*mrsgreen2007* (1 ano atrás)

Obrigada!

*littlequeen64* (4 meses atrás)

Era essa a época em que as pessoas realmente se sentavam lado a lado. Sinto falta desta época.

*igluver15* (1 ano atrás)

Essa é a área Kiddieland, no Vale São Fernando, particularmente Arleta? Se é, eu não morei muito longe dali nos anos 60 e 70!

Os vídeos do canal de Lihart606 têm poucas exibições e a maior parte deles foi vista entre 50 e 100 vezes – a maior parte dos vídeos do YouTube, individualmente, se enquadra exatamente nesta categoria e foi pouquíssimo exibida, o que não invalida seu valor. Um ou outro filme do canal Lihart606 chegou à marca de 2 mil exibições – o mais visto é “Filmes de família antigos – banho de Sherry<sup>107</sup>”, com 2.617 visualizações, que mostra o bebê na banheira e depois sendo trocado. Originalmente, esses filmes foram realizados, respectivamente, com câmeras VHS (os da década de 90) e, provavelmente, Super 8 milímetros (os da década de 50), o que significa que todo esse material foi digitalizado antes de entrar no YouTube.

O site de compartilhamento pode ser considerado uma grande sala de estar para a exibição dos filmes da família de Sherry. Como depositório dessa carga de memória, ele resguarda a história da família, preservando, de certa forma, essa instituição. Ao publicar um vídeo de sua família no YouTube, quem o faz está não só lançando uma garrafa ao mar, para que esta seja acolhida por outro, do outro lado do oceano, mas também está plantando sua árvore na história (além, é claro, de alcançar seus minutos de fama).

---

<sup>107</sup> Disponível em: < [http://www.youtube.com/watch?v=kfiojypRSQs&feature=channel\\_page](http://www.youtube.com/watch?v=kfiojypRSQs&feature=channel_page)>. Acesso em janeiro de 2009.

## 5.2.

### “Isernhagen”: contaminado pela produção cinematográfica e televisiva

Completamente diferente, “Isernhagen<sup>108</sup>” representa quase que uma outra categoria de filme de família, absolutamente mais contaminada pela estética e pela cultura televisiva e cinematográfica – e por um outro momento sociocultural. A primeira coisa que notamos são as clausuras: uma abertura com título, cartelas, legenda, músicas e um final igualmente claustrofóbico, neste sentido.

A festa dos Isernhagen é contada sob o ponto de vista de alguém que tem uma relação de neto ou neta com os protagonistas. Esse fato é percebido graças às diversas legendas e aos “diálogos” em forma de legenda exibidos durante alguns *takes*. O filme é totalizado por elementos que alteram completamente o contexto lúdico familiar, se propondo a apresentar um texto, ou seja, um vídeo, e não um fragmento de narrativa, solto como num sonho, solto como “Sherry” e como outros filmes dispostos no canal de Lilhart606.

Com a música “Família”, da banda de rock Titãs, como tema de fundo, a “Prebianca Corporation” apresenta o título de sua peça cinematográfica: “A Família Isernhagen em reunião de junho de 2006”. No primeiro plano, quatro senhores e uma senhora aparecem sentados no mesmo lado de uma mesa, cantando uma canção alemã qualquer – a legenda informa a letra da canção e acena com comentários sarcásticos sobre a qualidade dos cantores. Este é, como o autor do vídeo mesmo define, o “Ato 1”. No segundo ato, os três senhores Isernhagen tocam gaita. A fala de um deles: “Eita porra”, cujas letras vêm à tela em forma de texto, como se a expressão tivesse sido jogada, arremessada, num movimento parecido com os recursos técnicos usados nas histórias em quadrinho para o cinema. No terceiro, e mais engraçado ato, os três senhores juntam-se a uma outra senhora para brincar de um jogo infantil, em que dois deles batem as palmas das mãos enquanto outros dois batem com as palmas em suas respectivas coxas, como o “a-do-le-ta” e outras cantigas do tipo “Nós quatro, eu com ela, eu sem ela, nós por cima...”.

---

<sup>108</sup> Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=uNhmztVlzoQ>>. Último acesso em dezembro de 2008.

O vídeo, ao contrário de “Sherry”, pode ser visto por pessoas que não fazem parte da família e entendido como narrativa. Apesar de ter um significado de memória para os membros do núcleo familiar, este tipo de filme é diferente do filme de família tradicional (mais cru e sem retoques). O espectador se identifica independente de sua origem. Em “Isernhagen”, o objetivo de quem editou, sonorizou e publicou o vídeo na internet foi, provavelmente, retratar o evento da família. Mas como suas referências midiáticas são muito fortes, talvez o papel social tenha ficado em segundo plano. Esse papel social familiar, aliás, para Odin, não acontece quando o filme de família é amarrado segundo a interpretação de um integrante, por meio de um “fio condutor”. “Uma vez estruturado, o filme aborrecerá talvez menos os membros exteriores à família. Mas uma coisa é garantida: ele não será eficaz no seio da família” (ODIN, 1995). As construções, apesar de estruturadas, são tão simplórias que talvez também aborream os espectadores não integrantes desse núcleo familiar.

“Isernhagen” parece não ter sido editado em uma ilha de edição profissional, mas sim em uma ilha amadora, usando um computador pessoal e um programa parecido com o *Windows Movie Maker*, que consegue juntar som, imagem, efeitos e *letterings* num mesmo arquivo, produzindo um vídeo digital – esse programa é capaz de criar um clipe com imagens randômicas e efeitos, sem que, necessariamente, alguém precise desenvolver um roteiro um pouco mais elaborado. A produção é marca de uma época em que o acesso a câmeras fotográficas<sup>109</sup> digitais com recursos de vídeo é imenso, além das já tradicionais filmadoras digitais, difundidas desde o início do novo milênio.

“Isernhagen” é encerrado com o nome, em ordem de aparição, dos “atores”, além de agradecimentos. “Em breve, num cinema perto de vocês, o segundo capítulo da maior trilogia desde ‘O Senhor dos Anéis’ e ‘O Poderoso Chefão’”, finaliza, referindo-se a dois filmes vencedores de Oscars e realizados por Hollywood.

---

<sup>109</sup> A primeira câmera digital foi desenvolvida em 1990 e hoje, 19 anos depois, existem 4 milhões de câmeras digitais no país, segundo dados da Associação Brasileira da Indústria de Material Fotográfico e de Imagem (Abimfi) – sem contar as câmeras de celulares, que também executam esse tipo de tarefa. Segundo a ECM2, que armazena dados no mundo, o mundo tem 1 bilhão de câmeras digitais (2008).

O canal de Prebianca, que exhibe o vídeo no YouTube, foi visualizado 410 vezes, e “Iserhagen” conta com mais de 500 visualizações. É possível que esse filme de família tenha sido apresentado em algum outro evento reunindo integrantes dos Isernhagen e, neste caso, o que marca mais é exatamente o olhar de quem edita o material, restando poucas brechas para o diálogo com as partes do filme. Beatriz Jaguaribe, em seu “Choque do real”, fala de “uma geração de autores que quase não leu, de pessoas que não possuem cultura imagética” – só midiática e técnica, ou seja, pessoas que sabem operar o computador e as ferramentas de edição de vídeo.

### **5.3. O filme de família de Liam**

O terceiro objeto de análise da filmologia familiar no YouTube é um vídeo maior, de oito minutos, contra cinco dos outros. “Liam’s Family Movie<sup>110</sup>” é cercado dos mesmos elementos mais contemporâneos de realização de vídeos caseiros: filmagem digital, edição realizada no computador, inserção de cartelas (com cores e fontes diferentes), legendas para as falas dos personagens e outros recursos tecnológicos para a construção de uma narrativa menos fragmentada, mais formalizada. Também como o filme anterior, “Liam” provavelmente foi editado no PC da família.

A primeira cena tem o próprio Liam como protagonista – ele é o personagem principal, apesar de ser também um dos narradores e o câmera em certo trecho do vídeo. Nessa imagem inicial, o pai, provavelmente, filma Liam, que se apresenta para os espectadores: “meu nome é Lico... tenho um ano de idade e sou de um lugar chamado Baby”, remetendo o espectador ao universo fantasioso das crianças - pelas descrições no YouTube, seu nome é Liam e ele tem cinco anos de idade. Liam ainda aparece em frente à câmera, e não atrás dela, durante algumas outras cenas iniciais, movimentando-se pela casa, filmado pelo pai, cuja voz se escuta atrás da câmera.

---

<sup>110</sup>Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=R5ZzfdONnbo>>. Acesso em janeiro de 2009.

Depois, ele sai da frente das câmeras para filmar. Liam inicia sua incursão filmica pela família com um jeito particular das crianças agitadas – sua câmera é sempre muito solta e tremida (uma característica dos filmes de família originais). Ao longo desses oito minutos, ele percorre alguns cômodos, mostra os gatos, vai ao banheiro, entrevista os integrantes da família e os mostra em situações típicas de um período em que todos se encontram dentro de casa – não há nenhuma cena ao ar livre. O espectador vê alguém lendo o jornal, outra pessoa lendo um livro, outra tomando um chá e talvez o irmão jogando videogame. Em um dos *takes*, uma mulher, possivelmente sua avó, ou tia, pergunta: “Eu vou aparecer no filme?”. Liam responde: “Você vai aparecer no filme, no computador” – assim, ele mostra toda a familiaridade com o computador e a câmera digital, um reflexo do nosso tempo.

Liam é orientado pelo pai em duas cenas, quando o pai pede, aos 2min15s, para que ele não filme tão de perto (para não desfocar), ou quando sugere uma entrevista com o irmão Will. Em outros momentos, o garoto relata ao pai o tipo de cena que conseguiu filmar: “Ok, pai. Consegui uma que é muito, muito boa. Sem som e apenas imagens. Sem falar, só andando”, revelando uma possível orientação prévia a respeito do que filmar, onde e como.

Em outros momentos, Liam está sozinho filmando os gatos, conversando com eles, brincando no banheiro e com um aviãozinho, ou se filmando, sem direção, no sentido cinematográfico da palavra. Nesses momentos, o espectador adentra seu universo infantil. Em outras cenas, ao “entrevistar” os familiares, ele se diverte, como no diálogo em que sua mãe pede para não ser filmada pelas costas. Nesse ângulo, “objetos podem parecer maiores do que eu gostaria que eles fossem”, diz ela. Apesar de “Liam” ter características de um filme de família<sup>111</sup> (e de ser), como descreve Odin, cheio, por exemplo, de interferências à percepção do espectador, ele também não é fragmento, mas sim uma narrativa estruturada. Mostra a capacidade de direção e de edição do pai de Liam, que atinge o espectador com uma história com pretensões específicas.

---

<sup>111</sup> Filme sobre uma família específica, câmera solta, pouca preocupação com a ‘sujeira’ das imagens e com a falta de foco, com o excesso de movimento, com o zoom desfocado, com o som direto, com a pouca iluminação, entre outras características.

A câmera solta do menino, seu jeito espontâneo de filmar (obviamente, pois se trata de uma criança de cinco anos), suas conversas e narrações dão frescor ao vídeo, ao contrário de “Isernhagen”, por exemplo, que é mais estruturado. Apesar da edição do pai de Liam e de ele mostrar sua habilidade no uso do programa *Visual Studio 9* (um concorrente do *Movie Maker*), que inclusive é citado após a última cena, este terceiro filme se aproxima mais de “Sherry”, porque consegue captar mais a essência da família.

“Liam”, como “Sherry”, foi visto pouco mais de mil vezes, somando quatro comentários, provavelmente de pessoas amigas e de dois familiares. Sob este ponto de vista, mostra que o YouTube pode ser usado como um meio de contato entre integrantes do núcleo familiar que estão distantes. Uma tia, por exemplo, pode acompanhar a evolução do sobrinho por meio de vídeos no YouTube, conferências no Skype e fotos em algum álbum de fotos virtual.

swimgirl1 (1 ano atrás)

fofo e engraçado!!!! a annie me mostrou!!!!

ohEMgeeITSjordan (2 anos atrás)

hehe que fofo!!!! Meu pai nunca me emprestaria sua câmera se eu tivesse cinco anos. Mas seria tão divertido! Bom trabalho de edição!!!

pinkfunk (3 anos atrás)

Isso foi muito engraçado!

Com amor, Tia Beck

brisby (3 anos atrás)

Grande vídeo, Liam.

Sua fã número um, Tia Megan

Um questionamento pertinente a fazer é perguntar por que esses três filmes de família foram parar na internet, de modo a exibir sua intimidade para milhares de pessoas. Uma das respostas pode ser a tentativa de alcançar os 15 minutos de fama ou o desejo de mostrar o talento, ou o carisma, dos familiares e entes

queridos. A outra pode ter a ver com a busca pela preservação dessa instituição, a família, ou pela preservação da história e da espécie, do tipo: plantar uma semente de Liam, de Sherry e de Isernhagen na rede. Com o barateamento e a disseminação dos recursos tecnológicos, o hábito de filmar e de ser filmado, de fotografar e de ser fotografado passou a fazer parte de nossa vida. Mais do que no passado. E a sociedade encontrou um meio de exibir esse material, não apenas ao grupo íntimo de familiares e amigos, mas ao mundo.